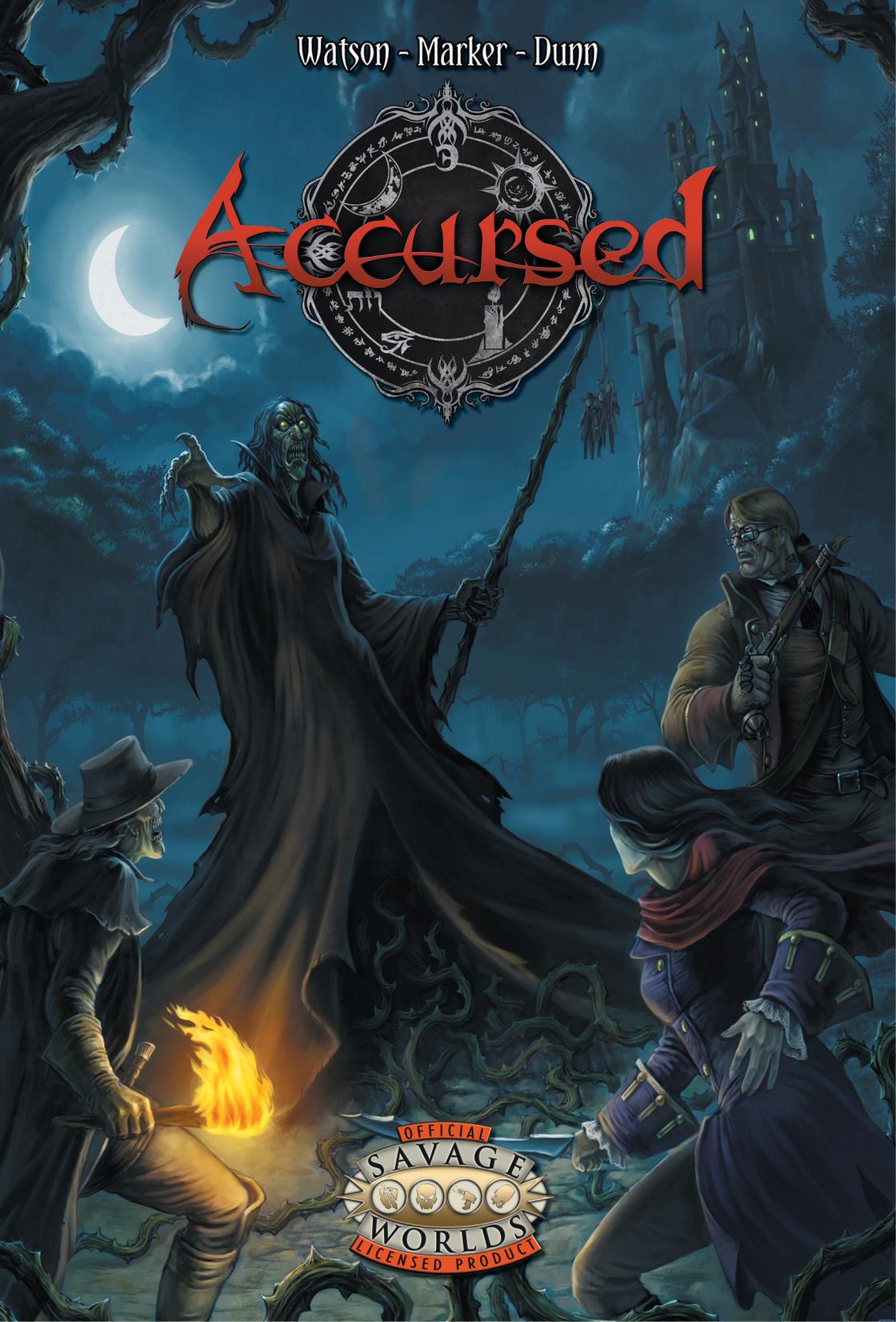
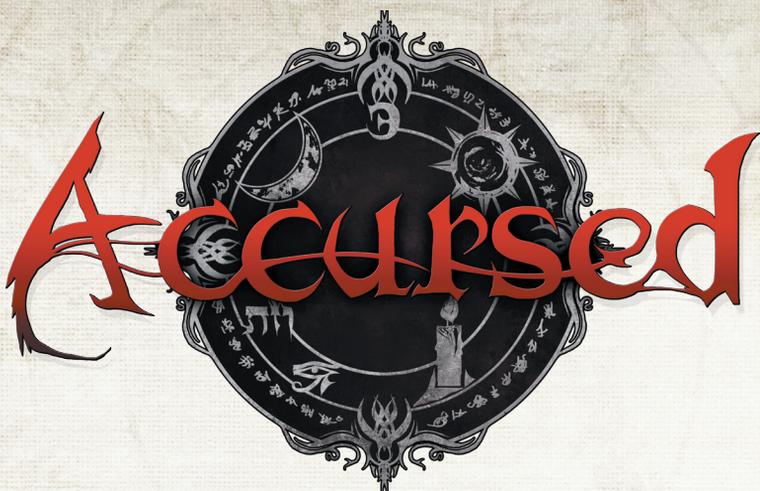


Watson - Marker - Dunn

Accursed



OFFICIAL
SAVAGE
WORLDS
LICENSED PRODUCT



Chefe de Desenvolvimento
Ross Watson

Escritor Principal
Jason Marker

Desenvolvimento Adicional
Cory Bonifay e Jeff Scifert

História Introdutória
Andy Chambers

Arte da Capa
Alberto Bontempi

Identidade Visual
Kevin Childress

Versão Brasileira
Tradução de Fernando "Del Angeles" Pires; Revisão de Eder Marques;
Diagramação de Fernando "Del Angeles" Pires com G. Moraes

RetroPunk Publicações

Caçado

Por Andy Chambers

A floresta estava tão quieta como um túmulo. Estrelas brilhavam através dos galhos acima, olhando frias e distantes. O estalar de galhos sob seus calcanhares soou tão alto como o barulho de um tiro de pistola no silêncio.

Kergus, o Estripador se esforçou para penetrar na escuridão através dos galhos espinhosos. Ele esperava ver um brilho vermelho de olhos piscando de volta para ele, mas não havia nada lá. Ele não estava tranquilo. Eles continuavam lá fora, caçando-o, e ele sabia disso.

Sob seu gibão a complexa teia de cicatrizes que atravessa seu peito ardia como fogo o avisando toda a vez que ele virava seu rosto para o sul. Os Vargr ainda estavam atrás dele, eles estavam o caçando para ele nesse momento. A Marca da Bruxa em seu peito lhe dizia isso então ele tinha aprendido a acreditar nisso. Os lampejos curtos de percepção que a Marca da Bruxa lhe dava era um dos poucos benefícios de estar Amaldiçoado.

A Marca da Bruxa tinha lhe dito para seguir em frente e ele não conseguiu encontrar motivos para negar isso. Sua vingança nunca viria a acontecer se ele fosse encontrado e dilacerado pelos Vargr. Não

havia perigo ao sul dele e ele foi se aproximando, forçado, ele deve viajar para o norte. Ele puxou seu manto esfarrapado apertando mais sobre seus ombros. Foi um movimento reflexivo, um antigo hábito que deveria ter fornecido algum alívio do frio cortante, no entanto não lhe deu conforto.

O frio era um companheiro permanente para ele agora, como se o abraço gelado das florestas de Steppengrad infiltrasse em seus ossos e revestido seus pulmões. Sua respiração poderia emergir como uma névoa branca se ele ainda fosse capaz de respirar. Aquilo, como muito mais coisas, havia sido tirado dele há muito, no dia que ele recebeu a Marca da Bruxa.

A terra a sua frente começava a subir o sopé arborizado de Muralhanegra, uma massa escura não marcada pelo brilho de fogo ou outros sinais de povoamento. Estas colinas eram pouco povoadas antes mesmo da chegada das bruxas, agora estavam vazias como um deserto. Certa vez alguns caçadores de peles cautelosos e carvoeiros haviam feito a vida naqueles picos de má reputação. Quando o exército da Grande Congregação rompeu as passagens que haviam sido as primeiras nas terras de Morden a sofrer a fúria das bruxas. Eles estavam longe de serem os últimos.

Kergus forçou suas pernas enrijecidas a continuar adiante. Não havia dor, nem fadiga mesmo ele já tendo andado por horas. Ao invés disso havia um profundo frio entorpecente que provocou uma crise atípica de pânico dentro dele. Mesmo se os Vargr falhasse em capturá-lo o frio da noite poderia muito bem fazer o serviço por ele.

Alguns quilômetros colina acima uma massa disforme se destacou na mata ao lado da trilha que Kergus seguia. Ele se aproximou com cautela sacando seu falchion enferrujado e o segurando a sua frente pronto para atacar. O aço da espada estava amassado, mas afiado, sangue seco ainda manchava a lâmina desde o seu último encontro com os Vargr.

Aquele encontro tinha parecido pura má sorte no momento, alcatéias de caça nunca tinham estado tão longe do território de sua senhora. As bruxas sempre tiveram ciúmes de seus domínios e não eram favoráveis a visitantes. Isso significa que havia uma grande extensão de terreno baldio entre os seus reinos. Kergus não tinha visto uma única alma viva entre Cairn Kainen e Steppengrad até que os Vargr o encontraram. Após escapar do nascido do caldeirão de Morrigan tudo parecera tão fácil até agora.

Conforme Kergus se aproximava ele percebia que sua cautela era injustificada, os ocupantes da carroça apodrecida, como tal estava, não representavam ameaça a ninguém. Ossos velhos estavam

Accursed começou com o amor aos monstros, especialmente os clássicos monstros de filmes como Múmias, Lobisomens, Vampiros e a criação do Dr. Frankstein. Em minha juventude, eu adorava os filmes de Horror da Hammer onde Van Helsing lutava contra o Drácula e um dos meus filmes favoritos é Deu a Louca nos Monstros (Monster Squad), que apresentava quase todos os monstros clássicos!

Uma vez, fui convidado para dar ideias para um cenário de “fantasia sombria” para um cenário de RPG. Inicialmente eu tive problemas com esse desafio – fantasia é um gênero saturado no panorama atual dos RPGs. Entretanto, após ponderar um pouco sobre a ideia, comecei a pensar em uma visão interessante e única sobre fantasia sombria... Uma que girava em torno de monstros. Accursed cresceu dessa ideia, onde os monstros poderiam se juntar em um grupo com uma meta comum e montar um bando de heróis.

Espero que se divirtam criando novas histórias com seus monstros heroicos no mundo que John, Jason e eu trabalhamos arduamente para criar.

— Ross Watson, Desenvolvedor Chefe



espalhados entre as ruínas e ele os analisou com um olho treinado; um boi, um homem e duas crianças. Não havia sinal de quaisquer Malditos entre os caídos, o homem certamente não havia sido um soldado. Provavelmente um simples lenhador e sua família fugindo por suas vidas quando foram surpreendidos.

As hordas das Bruxas que se alastraram por Muralhanegra eram horríveis, bestiais e monstrosidades deturpadas nascidas dos mais insanos pesadelos. As pessoas chamavam os monstros de “Malditos” porque sua simples existência era um insulto contra a vida e sanidade. Só mais tarde que se constatou que as criaturas do pesadelo já haviam sido homens e mulheres comuns; pessoas das terras do Norte de Muralhanegra. Eles haviam sido arrastados pela Grande Congregação e colocados a serviço. Tenham sido camponeses ou nobres, todos eles foram unidos ao exército da Congregação de uma vez quando foram transformados pela maldição das bruxas.

Kergus se perguntou o que havia acontecido com a mãe. Ela não teria abandonado suas crianças frente ao perigo. A desconfortável conclusão é que ela havia sido tomada, assim como Kergus. Sua pele dura e ressecada se esticou com uma careta com a ideia. Outra alma perdida para vingar assim como aqueles inocentes na carroça.

Kergus encontrou a mãe a menos de um quilometro depois do vagão. A trilha cortava um córrego com águas velozes, margeado com musgo e plantas vindo da montanha. Havia uma rocha achatada perto da água e uma cesta tosca de tecido e galhos sobre ela. Flores montanhosas ressecadas, frutas murchas e pinhas foram empilhados em torno da cesta como um pequeno santuário. A Marca da Bruxa estava inativa sobre o peito de Kergus e por isso ele se aproximou para inspecionar o conteúdo da cesta.

Ossos minúsculos brilhavam com a luz das estrelas. Dedos da mãos e dos pés; alguns frescos e brancos, outros amarelados pelo tempo. Todos sem carne, como se eles tivessem sugados e limpos por lábios vorazes;

‘Aqueles não são para você’, avisou uma voz.

Kergus pulou para trás e sacou seu falcion fazendo um arco de aço. Seu olhar se lançou para trás e adiante, mas ele não conseguia discernir quem havia falado. Um riso estridente veio de cima e ele olhou para o alto vendo um rosto olhando para ele a partir de uma árvore próxima.

‘Tão feroz!’ o rosto zombou, ‘tão pronto para lutar! Não se preocupe, poderoso guerreiro,

eu tentarei não machucá-lo. Porque você não tira esse chapéu para que eu possa ver seu rosto adequadamente?’

‘Porque você não desce daí para que eu o veja adequadamente,’ replicou Kergus. O rosto na árvore e a voz que falou com ele foram graciosos o suficiente, mas isso não significava nada. Ele tinha visto muitos Malditos com um aspecto de beleza genuína entre suas facetas quiméricas de loucura.

O galho da árvore se curvou enquanto o orador escalava para ficar completamente visível e sentar-se. Ele era com certeza uma mulher, com curvas generosas e uma pele pálida que parecia brilhar com a luz da lua. Ela riu de novo e balançou longas tranças douradas.

‘Está vendo?’ ela disse, ‘Eu não sou nada a temer, não vou te machucar.’

O coração de Kergus se encheu de maus presságios. A Marca da Bruxa em seu peito estava dolorida, desconfortável. Não era uma pura e simples ameaça. Mas uma advertência inconfundível.

‘Você disse que eles não eram para mim’, disse ele, apontando para a cesta, ‘para quem são?’

‘Sua voz é tão velha e arranhada’, disse a mulher, ‘você parece cansado. Você gostaria de descansar comigo? Eu o pegarei em meus braços e cantarei as antigas canções que minha mãe me ensinou quando eu era jovem.’

‘Para quem eles são?’ insistiu Kergus, ‘conte-me.’

A mulher sorriu novamente, desta vez um sorriso torto. ‘Ora, eles são para Baba Yaga, é claro. Dedos para ela contar em sua cabana com pernas de galinha. Ela anda por estas colunas carregando-a para visitar a raça da noite. Ela ficaria orgulhosa de mim...’

A mulher parou de falar e de repente cheirou, enrugando o nariz. ‘Ugh, você tem cheiro de podridão e túmulo sujo,’ ela gritou, ‘você é um nascido do caldeirão!’

Kergus riu amargamente e tirou seu chapéu antes de se curvar para a mulher na árvore.

‘Nascido do caldeirão?’ disse ele, ‘Em Cairn Kainem nós o chamamos de caldeirão do renascimento, certamente, mas isso é uma mentira. Nada vivo saiu desse lugar, muito menos eu.’

‘Renascido!’ sibilou a mulher.

‘É o que eu sou,’ disse Kergus, com alguma coisa parecida com orgulho em sua voz ‘e você é uma Rusalka, uma cria de Baba Yaga. Eu ouvi falar do seu tipo – você quer que eu descanse com você no fundo do rio? É assim que você mata, não é?’



O belo rosto da Rusalka foi transformado por seu olhar de repulsa. Naquele instante Kergus teve um vislumbre da mulher do lenhador, de como ela havia sido antes de ser capturada e amaldiçoada. Então o glamour tomou conta dela de novo, fazendo com que ela fosse mais e menos humana ao mesmo tempo.

‘Baba Yaga ficará sabendo disso’, ameaçou a Rusalka, ‘Quando ela souber que a Morrígan enviou sua cria para Muralhanegra haverá um acerto de contas!’

‘Sim,’ disse Kergus enquanto colocava seu chapéu negro sobre seu crânio calvo, ‘diga isso a ela, diga a ela que a Morrígan envia sua amargura, que ela quer guerra!’

A Rusalka parecia confusa e Kergus riu novamente, deleitando-se em causar uma diabrura entre as bruxas, mesmo que mesquinha. Elas mereciam coisa muito pior, mas isso era um começo. Então a Rusalka olhou a trilha pela qual Kergus se aproximou e sorriu maliciosamente.

‘É melhor começar a correr, homem-morto,’ ela disse acintosamente, ‘os lobos da ravina sentiram seu aroma.’

Um arrepiante uivo congelante soou vindo da trilha. De um lado e de outro, mais uivos distantes soaram em resposta. A Marca da Bruxa no peito de Kergus pulsava quando ele se virou para trás e para frente, como se ele já estivesse encurralado. Do outro lado do rio, seguindo para as montanhas, era o único caminho que estava livre do perigo. E isso não duraria por muito tempo, lobos da ravina correm rápido e eles já devem estar se movendo para cercá-lo. Ele olhou para cima, mas a Rusalka já havido ido embora.

‘Eu irei vingá-la,’ Kergus prometeu em um áspero sussurro, ‘um dia, de alguma forma, eu irei vingar todos nós.’

Então ele se virou e fugiu com suas pernas rangendo. Ele corria como se os cachorros do inferno estivessem atrás dele.

Ele quase conseguiu fugir. *Quase.*

Formações rochosas, coroadas por árvores começaram a aparecer em ambos os lados da trilha conforme ele corria dos lobos da ravina. O caminho serpenteava entre as formações seguindo sempre para cima na massa escura de Muralhanegra. Kergus sabia que seguir aquela trilha o tornaria estupidamente fácil de ser seguido. O ideal seria ele ter ganhado vantagem no campo e se escondido entre as árvores até que os perseguidores tivessem passado, mas ele não se arriscaria em deixar a trilha por medo de ficar preso em um

desfiladeiro. O caminho deve levar a algum lugar e enquanto ele se mantivesse nele, sentia que havia esperança de se distanciar dos Vargr.

Sua única vantagem, se é que poderia chamar assim, era que ele já era um homem morto. Seu coração não bombeava, seus membros não se cansavam, a fadiga não o derrubava. A dormência que ele sentiu mais cedo foi embora e suas pernas corriam com a eficiência de uma máquina. A maldição da Bruxa, a Maldição da Morrígan, é mais do que uma cicatriz extravagante no peito. O caldeirão do renascimento tomou o corpo de Kergus e regurgitou ele de volta aos vivos, outro Maldito nascido do caldeirão para se juntar as fileiras do exército de Morrígan.

Suas memórias sobre o evento são confusas, surreais, tudo que ele pode se lembrar era o ódio ardente que sentira. Um fiapo incandescente de indignação contra a Morrígan e todas as de sua espécie que o trouxeram de volta à terra dos vivos, uma sede de vingança que nunca poderia ser saciada. Naquele instante ele se perguntava por que a Bruxa permitiu que alguém com tanto ódio por ela retornasse para o mundo. Só mais tarde ele percebeu que na verdade ele era um erro.

Kergus logo percebeu que era diferente dos outros nascidos do caldeirão. Ele viu seus companheiros de clã, seu irmão, suas irmãs, e arrastando nos corredores de Escudoprotetor. Nenhum deles o conhecia, nenhum deles devolveu o olhar de reconhecimento quando seus caminhos se cruzaram. Com o tempo ele percebeu que parecia ser único entre os mortos vivos daquele lugar. Ele tinha intelecto, ele tinha um propósito e o resto era um pouco mais do que marionetes apodrecidas a serviço da vontade da Morrígan. Isso não foi muito antes dele perceber que tinha como escapar, fugir de Cairn Kainen antes de seu segredo ser descoberto. Foi isso que o condenou.

Atrás dele os uivos dos lobos da ravina aumentaram e se lançaram sobre a brisa da noite. Neve começou a cair conforme ele subia mais alto. Leves, os flocos dançantes começaram a cair dos altos picos, girando como dançarinos no ar gelado. Montes de neve se escondiam aqui e ali nas bordas da trilha, as últimas lembranças do inverno anterior. O caminho se tornou mais íngreme e ele se jogou para cima com a energia intacta reduzindo a não mais do que um passo de caminhada na inclinação.

Outro uivo, mais próximo dessa vez – bem abaixo na trilha atrás dele. Kergus arriscou um olhar para trás e pensou que poderia ter visto uma forma escura entre as sombras, um brilho de olhos bestiais. Ele tentou correr mais rápido e quase

colidiu com a rocha dura de um penhasco que se erguia a sua frente, bloqueando completamente seu caminho.

Kergus bateu na rocha, indefeso como um animal. Ele pensou errado, a trilha levava a lugar nenhum e ele ficou preso como temia. Quando ele virou para procurar outro caminho ele escutou a respiração abafada de seu perseguidor subindo a encosta e o som macio de suas patas pisando as agulhas dos pinheiros. A marca da Bruxa em seu peito ardia em brasa com o calor, o perigo estava sobre ele e não havia nenhum lugar para correr. Ele se virou para enfrentar a ameaça e sacou seu falchion pelo que podia ser a última vez.

Havia apenas uma das bestas subindo a encosta abaixo dele, mas ela era enorme, um verdadeiro monstro, o ombro dele estava na altura de seu peito, a cabeça era maior que a de um cavalo. Seu pelo grosseiro e malhado estava espetado nos ombros, úmido e com aspecto molhado sob a luz das estrelas. Olhos amarelos e inteligentes cheios de uma fome voraz que o encararam de volta. O lobo da ravina abriu sua mandíbula gotejante e vermelha mais do que Kergus poderia estender os braços e soltou um uivo que fez a própria rocha abaixo dele tremer.

Kergus, o Estripador ficou perfeitamente imóvel, seu falchion estendido e inabalável. Alguma parte de sua mente registrou o medo, mas parecia ser um conceito distante e abstrato. Um simples mortal poderia ter entrado em colapso pelo terror, ou se virado instintivamente para correr e então estaria condenado a ser atacado por trás. Não Kergus. Seu único medo era não sobreviver para perseguir sua vingança, aquela fagulha brilhante movida a ódio que dava algum sentido a sua existência distorcida.

O lobo da ravina baixou sua cabeça e avançou, com suas mandíbulas estalando. Kergus atirou-se para um lado e cortou na altura do pescoço grosso da besta quando ela passou por ele. O falchion mordeu fundo no pelo emaranhado, soltando um jato arterial carmesim. O lobo da ravina balançou pelo golpe e seu ombro atingiu Kergus em cheio com o impacto de um aríete. Ele teve uma fração de segundo de uma estranha calma enquanto voava para trás até que a pedra o parou violentamente.

Antes que ele pudesse recuperar seus sentidos, as mandíbulas do lobo da ravina se prenderam ao redor de seu tronco apertando extremamente forte. A besta o levantou do chão e balançou-o tão fácil como uma lebre. Kergus estava indefeso em seu aperto, os membros se

debatendo inutilmente enquanto os dentes do tamanho de dedos do lobo da ravina atravessavam sua pele, rasgando músculos e esmagando ossos. Finalmente, atirou-o no chão, prendendo-o com uma pata contra o peito para que ele o segurasse bem e rasgasse sua garganta.

Por algum milagre o falchion ainda continuava seguro por Kergus. Por um milagre ainda maior a mão e o braço que o seguravam ainda se moviam conforme sua vontade. Ele enfiou a ponta afiada nas tripas do lobo da ravina com precisão rasgando a pele e permitindo que as tripas serpenteantes se espalhassem por sua mão.

As longas mandíbulas do lobo se fecharam a centímetros do seu rosto, enquanto tentava recuar devido ao ferimento debilitante que ele infligiu. Kergus largou o falchion e segurou o pelo tigrado do pescoço do lobo da ravina, alcançando com a outra mão o interior da barriga através da fenda, as patas o arranhavam com uma força terrível para tentar se libertar da dor.

Kergus se agarrou mais forte e enfiou sua mão ainda mais no interior quente do lobo, escorregando pelas entranhas. Até que ele encontrou o que procurava. Ele apertou e arrancou, provocando um agonizante uivo final.

O lobo monstruoso caiu ao seu lado e Kergus rolou para fora, sua mão carmesim até o cotovelo e segurando o coração sangrento ainda batendo. Ele recuou com o lobo da ravina morrendo puxando descontroladamente o ar.

‘É por isso que eles me chamam de O Estripador!’ ele sussurrou inseguro, o chão parecia oscilar sob seus pés. Ele balançou e o coração caiu antes dele pensar em procurar seu falchion, o cabo gasto, pegajoso devido às vísceras veio a sua mão e ele o balançou, maravilhado ao mesmo tempo em que sentia a desconexão entre seus ombros e costelas. Ambos os braços continuavam funcionando, ambas as pernas funcionavam, mas entre eles ele era uma impressionante coisa quebrada.

Lentamente ele segurou o falchion com as duas mãos e o levantou antes de descer cortando com toda a sua força. Ele golpeou novamente e novamente com a pesada lâmina até que a cabeça do lobo da ravina estava separada de seu corpo. Baseado em suas próprias experiências ele não queria ter nenhum risco de a criatura vir atrás dele de novo.

Manchas negras estavam dançando ao redor de sua visão, tudo estava se tornando cinza como se um mar sombrio estivesse caindo sobre ele. Kergus cambaleou mais alguns passos antes de cair sobre seus joelhos e o falchion cheio de sangue cair de suas mãos. O chão pareceu girar mais uma vez quando ele tombou e a escuridão o engoliu.

Kergus acordou. Ele estava encarando os galhos negros nos primeiros dedos pálidos da aurora no céu acima dele. Um uivo de lobo distante o trouxe bruscamente de volta a seus sentidos e ele se colocou de pé dispersando agulhas de pinheiro e sujeira incrustada. Longas sombras o cercavam, as colinas sombrias ainda intocadas pela alvorada. A alguns metros o corpo sem cabeça do lobo da ravina permanecia intacto. Os famintos moradores noturnos da floresta não tinham paladar para carne maculada – e ao que parece, nem tinham apetite para a carne ressecada de Kergus.

Ele se colocou de pé tentando ignorar as partes quebradas dentro dele. Não importava, disse ele a si mesmo quando se inclinou para recuperar seu chapéu e seu falcion, ele já era uma coisa morta. Lentamente, embora muito lentamente, seus ferimentos iriam se remendar e sua pele dura iria se espalhar para cobri-los.

Então ele disse a si mesmo quando percebeu o brilho opaco de suas costelas quebradas saindo de seu gibão, e então ele disse a si mesmo quando sentiu a rachadura escancarada na parte de trás de seu crânio. Toda vez uma voz interior persistente lhe lembrava que ele já fora ferido antes, mas nunca tão gravemente.

Ele olhou para o precipício que tão traiçoeiramente bloqueou seu caminho. Ele não era muito alto, não mais do que a altura de três homens. Ele decidiu que poderia ser capaz de escala-lo durante o dia, apesar de seus ferimentos terem tornado essa ideia incerta. Quando ele olhava para a parede de pedra e tentava planejar uma rota ele viu algo que o fez praguejar.

Marcas irregulares meio cobertas pelas agulhas dos pinheiros cortavam a face do penhasco. A trilha continuava adiante tranquilamente, ele apenas não tinha sido capaz de vê-la na escuridão. Outro uivo de lobo cortou o ar do início do amanhecer estimulando Kergus a agir mais uma vez. Esse tinha soado mais próximo que o último, os caçadores devem ter se espalhado bastante procurando por ele a noite. Agora o laço estava apertando novamente.

A marca da bruxa não indicava perigo a frente, a trilha ainda estava o guiando. Kergus cambaleou seus primeiros passos e começou a força-los severamente, um de cada vez. Apesar de todo o movimento enviar choques através de seu corpo ele persistiu até finalmente, no primeira luz cinza do amanhecer, ele alcançou o topo.

Outra encosta estava a sua frente, as árvores eram mais esparsas, a neve era muito mais frequente, mas a nova vista de Kergus tinha

muito da anterior. Ele se virou e olhou para baixo do penhasco nas colinas cheias de pinheiros marchando ao longo das planícies abaixo. Ele capturou um vislumbre de água cintilante – provavelmente o mesmo córrego onde ele encontrou a Rusalka – mas ele não podia ver nenhum sinal de seus perseguidores.

A marca da Bruxa queimava em seu peito enquanto inspecionava a cena. Os Vargr não iriam desistir, e com seus sentidos sobrenaturais, seria apenas questão de tempo que eles encontrassem o lobo da ravina abatido e seguissem sua trilha até o penhasco. Kergus considerou brevemente se manter em posição no alto antes de desconsiderar a ideia. Provavelmente o tornaria difícil de derrubar por um tempo. Infelizmente seus inimigos não eram burros o suficiente para continuar vindo um de cada vez. Os Vargr rapidamente encontrariam outros caminhos para o penhasco e o cercariam. Kergus se voltou e começou a mancar pela encosta. A próxima linha do cume estava a poucas centenas de metros dele e ele se focou no seu próximo objetivo. A única vantagem que ele ainda tinha era o vigor sobrenatural de seu corpo imortal. Se ele pelo menos pudesse continuar forçando enquanto os Vargr deveriam ter que parar eventualmente para descansar enquanto ele continuava em movimento. Tempo precioso já havia sido perdido enquanto ele estava desmaiado sem sentidos, agora ele tinha que forçar e aumentar sua distância o máximo possível.

Ele parou de repente, os planos acumulados em sua cabeça de repente evaporaram quando ele viu algo a sua frente. A trilha estava praticamente imperceptível agora, pouco mais do que uma referência no gelo fino debaixo das árvores. Um monte de neve velha estava no caminho a frente e nele Kergus pode ver um conjunto claro de pegadas.

Ele mancou até mais perto. Os rastros eram recentes e distintivamente de alguém de duas pernas. Pequenas pegadas de botas, pensou Kergus, de alguém novo talvez. Ele olhou ao redor acentuadamente, meio que esperando um ataque, mas não havia novos agressores a vista. Os rastros levavam na direção que ele seguia até desaparecerem sob um trecho de rocha exposta. Um de seus perseguidores Vargr poderia saber mais; precisamente o quê recentes eram essas pegadas e que criatura as tinha deixado. Tais mistérios eram ilegíveis para Kergus. Tudo que ele sabia era que alguém estava viajando a sua frente.

Outro uivo agudo afastou-se das colinas abaixo. Kergus praguejou e mancou adiante. Ele não tinha tempo para mistérios agora. A Marca da bruxa estava inativa em sua carne rasgada. O

que quer que esteja a sua frente não apresentava ameaça ou já tinha indo embora. De qualquer maneira os caçadores estavam se aproximando dele e ele tinha que fugir ou morrer de novo. Ele não tinha nenhum desejo de ser destruído ou devolvido ao caldeirão do renascimento se isso viesse a ser seu destino. Não desejava a ninguém.

O velho castelo parecia bastante sólido à distância – mesmo sendo recebido naquela extensão congelada de pedra esculpida pelo vento. As águas do pequeno lago ao redor dele refletiam o céu de chumbo como um espelho negro. No fundo, os picos brancos de Muralhanegra subiam enormes e com um aspecto cruel. Eles pareciam perto o suficiente para se tocarem.

Uma figura desganhada mancando, cambaleou através da grama pintada de gelo ao longo da margem do lago, fazendo seu caminho dolorosamente em direção a uma ponte que ligava a margem ao castelo. Aves carniceiras circundavam em seu rastro, chamando uma a outra com vozes ásperas enquanto esperavam que ele tropeçasse e caísse pela última vez. Elas pareciam frustradas, Kergus tinha sido extremamente persistente em seu progresso, apesar das horríveis feridas que marcavam seu corpo.

Mais próximo, Kergus pode ver que mais da metade do castelo estava em ruínas e as águas do lago estavam minando o resto. Ele foi atraído a frente pela visão de uma luz solitária queimando no alto da única torre sobrevivente.

Escadas caracóis inclinadas o levaram ao topo da torre e onde uma vez foi o solário do castelo. Seus espessos vidros estavam rachados e quebrados em muitos lugares, mas o teto estava em sua maioria intacto e dava a ilusão de proteger contra o vento frio. Kergus parou quando viu a fonte de luz. Um braseiro de cobre que foi recuperado dos móveis quebrados espalhados pelo chão e agora mantinha uma chama alegre. Ao lado havia uma mesa e duas cadeiras com a mesma aparência recuperada. Em uma das cadeiras, uma figura de capuz estava sentada esperando por ele próximo a um samovar fumegante.

‘Venha, sente-se. Jogue um pouco,’ a voz da figura sentada era feminina e acolhedora.

‘Você me acha idiota?’ rosnou Kergus com uma voz dura como a dos abutres, ‘que loucura é essa? Quem é você? O que é você?’

‘Porque não se senta e descobre?’ replicou a mulher, ‘você deveria ser capaz de dizer se sou uma ameaça – não é isso que sua Marca da Bruxa lhe diz? Venha e se sente antes que você desabe.’

Kergus fez uma careta. Ela estava certa, esta misteriosa mulher, sua Marca da Bruxa estava completamente dormente. Ele deu uma pequena gargalhada e se rendeu à loucura, arrastando-se para a cadeira vazia. Ele viu de relance que a mesa estava com um jogo de tabuleiro. Um campo de quadrados brancos e pretos incrustados que continham uma variedade de combatentes monocromáticos – torres e soldados, reis e rainhas, padres e heróis. Ele deu-lhes pouca atenção enquanto desabava na cadeira e as perguntas saíam diante de seus lábios rachados.

‘Quem é você? Como cheguei neste local?’ a mandíbula de Kergus trabalhava enquanto ele tentava articular a verdadeira questão que queimava em sua mente, ‘... como você sabe de minha Marca da Bruxa?’

‘Você pode me chamar de Ariane e eu vou chamá-lo de... Kergus. Não é isso? Respondendo a sua segunda pergunta – você encontrou seu caminho até aqui por vontade própria, eu apenas esperei você chegar,’ disse a mulher encapuzada, se esticando para mover uma peça com sua mão enluvada. ‘Quanto ao por que eu saber sobre sua Marca... porque não me conta como você a conseguiu com suas próprias palavras?’

Kergus encarou a mulher que se chamava a si mesmo de Ariane. O rosto por baixo do capuz era pálido, perfeitamente oval e com lábios vermelhos perfeitos. Ela parecia uma nobre ou uma clériga e tinha um sotaque para combinar. Sulista, talvez até mesmo da velha e amaldiçoada Manreia. Isso não a valorizou nem um pouco para Kergus, mas ele entregou sua curiosidade em poucos momentos, frases amargas.

‘O exército da congregação veio para Cairn Kainen, e seu Alto Rei, Gaelen, perdeu sua mente para uma Bruxa que conhecemos como Lady Mancha’, disse Kergus, ‘e mais tarde como Morrígan. Nós continuamos lutando, mas nós perdemos. Depois disso Morrígan nos colocou em seu caldeirão e nos trouxe de volta para lutar por ela. Cada cadáver que ela fazia se tornava outro soldado em seu exército. A Marca da Bruxa estava em mim quando eu... eu... acordei pela primeira vez.’

‘Você está sendo modesto,’ disse Ariane gentilmente, ‘você emergiu como algo maior do que os outros.’

‘Coisas mortas,’ murmurou Kergus, continuava meio perdido em memórias, ‘ela enviou coisas mortas contra aqueles que ainda viviam. Ela nos matou, eu posso me lembrar do golpe que me matou.’ Rostos esqueléticos e garras deslizaram através de seu olho, sangue quente espirrando em ossos frios. Ele podia sentir uma lâmina

enferrujada enfiando-se sobre suas costelas, terra carmesim subindo de encontro a seu rosto.

‘É a sua vez, Kergus,’ solicitou Ariane.

Kergus se sentiu grato pela distração e tentou focar sua mente no tabuleiro xadrez. Preto e branco. Parecia simples. Ele avançou um de seus soldados para desafiar o lobo que Ariane movera e então sabia que peça usar. Ariane moveu outra peça no tabuleiro de jogo, derrotando o soldado de Kergus.

‘Vida e morte são apenas reinos separados, países diferentes,’ Ariane disse a ele, ‘como os quadrados do tabuleiro. Espíritos são entidades transitórias se movendo entre esses espaços. Êxtase. Entropia. Bem. Mal. Preto. Branco. Vivo. Morto. Isso não importa quando nos referíamos aos quadrados, eles são apenas elementos no jogo que nos usamos para definir o progresso das peças através do tabuleiro. É sua vez novamente.’

Kergus ruminou sobre aquele pedaço peculiar de filosofia conforme ele estudava novamente sua posição. Ele descobriu que sua peça derrotada havia recuado para um quadrado branco. Sem pensar ele trouxe uma torre para frente para fechar o espaço em sua defesa conforme Ariane continuava.

‘A Morrígan sabia como manter as peças – espíritos – pegos entre os espaços, tanto vivos como mortos, ou mortos-vivos para ser mais precisa. A imobilidade fez deles... perigosos em caminhos inesperados.’ Ariane avançou uma peça para pressionar o exército em miniatura de Kergus em uma parte diferente no tabuleiro.

‘Você está dizendo que minha morte prematura e renascimento amaldiçoado é uma afronta ao Criador?’ os lábios de Kergus se racharam em um sorriso pela primeira vez. ‘Eu acho que os príncipes, heróis e clérigos podem reivindicar tal distinção, mas eu não. Eu sou apenas um servo, um açogueiro, e pouco digno de um peido do meu senhor.’

‘Eu estou dizendo que você se mover por sua própria vontade é notável,’ disse Ariane séria, ‘notável o suficiente para me fazer cruzar meio continente procurando por você.’

‘Como...?’ Kergus começou a perguntar antes que Ariane levantasse uma mão para silenciá-lo. Ela tirou suas luvas e mostrou-lhe sua palma. Sua Marca da Bruxa era diferente da dele, um transbordamento de espirais avermelhadas e runas como uma marca de nascença.

‘Toda a Marca é diferente,’ Ariane lhe disse, ‘a minha me faz ver outros Amaldiçoados em meus sonhos, outros que se tornaram independentes da influência das Bruxas. Você não está sozinho.’

‘Você é uma dos Malditos da Bruxa de Sangue,’ disse Kergus, se ajoitando em sua cadeira, ‘Eu sabia que seu sotaque era sulista. Você deve ser completamente louca para atravessar Steppengrad. Como...’

‘Como você?’ zombou Ariane, ‘Não sou eu quem está sendo caçado pelo Vargr nas terras de Baba Yaga. Eu vim porque vi você em perigo neste lugar e eu sabia que você precisaria da minha ajuda para sobreviver. Eu não sou um Maldito e nem você, não mais.’

Kergus abriu sua boca para replicar e depois a fechou de novo quando escutou algo nas escadas. Uma pisada, um arranhar de garras... o som estava muito fraco para ter certeza, mas aquilo enviou uma descarga elétrica pelo seu corpo. Ele deu um pulo, a cadeira caiu de costas atrás dele.

‘Sua vadia!’ Kergus praguejou enquanto arrancava seu falchion. Ariane sequer teve a decência de recuar diante de sua indignação. Ela apenas sentou, ajustando calmamente suas luvas de volta.

‘Cuidado com as escadas’, disse ela. Alguma coisa no jeito que ela disse isso o fez se virar a tempo de encontrar o primeiro Vargr que apareceu saltando.

Ele parecia como um homem, atarracado e musculoso com um queixo protuberante e um pescoço grosso escondido por uma barba eriçada. O Vargr tinha uma aparência feroz sobre ele; sujo, descalço, seminu apesar do frio, um cutelo de ferro em cada mão. Ao ver Kergus ele uivou em triunfo e saltou direto sobre ele. Mais rosnados e uivos vieram das escadas e o resto da alcaiteia dos Vargr desabafou sua raiva por não estar na matança.

A Marca da Bruxa queimava como ferro derretido, o fogo dela inundava-o da cabeça aos pés. A corrida e o esconde-esconde intermináveis estavam chegando ao fim e algo nele se deleitava com a sensação de alívio. O primeiro Vargr estava confiante demais. O falchion de Kergus girou para baixo entre os cutelos e dividiu a cabeça que rosnava com seus dentes atrás deles. Mais dois Vargr abriram seu caminho pelas escadas nos calcanhares do primeiro. Kergus ainda tentava libertar seu falchion de seu primeiro golpe quando o primeiro golpe de machado desceu assobiando até ele.

De repente Ariane estava ao lado de Kergus com uma espada longa e fina em sua mão que zunia conforme balançava para um lado e para o outro. Ela aparou o machado para o lado e estocou contra o rosto barbado, forçando o homem-besta de volta para seu compatriota.

O falchion rasgou livremente com sua sede de sangue e Kergus cortava com selvageria contra



o Vargr mais próximo forçando-o a defensiva. Instintivamente os dois Vargr dividiram suas atenções, um cuidando de Kergus enquanto o outro se concentrava em Ariane. Atrás deles Kergus podia ver mais rostos raivosos tentando forçar seu caminho subindo pelas escadas, praticamente usando suas garras e mordendo um ao outro em sua ansiedade para atacar.

Inimigos de cabeça mais fria formariam um círculo para permitir que mais de seus números participassem da luta, mas os dois Vargr no topo das escadas se mantiveram firmes e lutaram como berserkers bêbados. Kergus oscilou para o lado com um golpe sobre a cabeça e contra atacou com um corte estripador. Ele trouxe a ponta do falcion contra o pulso do Vargr em seu próximo aparar, cortando cartilagem e osso tão facilmente como um tronco de pinheiro. O Vargr uivou e o cortou com a outra mão, Kergus avançou contra o golpe e cortou com o falcion através da barriga do Vargr espalhando suas entranhas pelo chão.

Kergus mal teve tempo de olhar para Ariane antes que o Vargr seguinte surgisse livre da escada. Ele estava prestes a atacar com uma cabeçada para jogar o Maldito em direção a seus companheiros quando ele percebeu que a escada agora estava vazia.

‘Cuidado Ariane!’ gritou Kergus desesperadamente, ‘eles têm-’

Duas formas atarracadas e escuras se jogaram através do telhado quebrado em uma tempestade de vidro. Ariane recuou diante de seus machados que desceram ceifando e disparou para trás da frágil proteção da mesa de jogo. O tabuleiro incrustado de preto e branco junto com seu exército de combatentes em miniatura estavam em pedaços um instante depois.

Kergus girou e chutou o braseiro para cima do rosto do Vargr para cega-lo com uma nuvem de cinzas incandescentes. Ele foi levado para trás antes de fazer um ataque contra o Maldito pulguento pelos outros Vargr que já estavam no cômodo. Quatro dos Malditos já estavam no Solário. Mesmo com a ajuda de Ariane a batalha só poderia terminar de uma forma.

Como se para ressaltar a falta de esperança de sua situação, chamas brilhantes começaram a crepitar e se espalhar do braseiro caído. A velha madeira desgastada do chão e os móveis quebrados

inflamaram tão facilmente como um barril de pólvora. Os Vargr ignoravam as chamas dançantes enquanto caminhavam avidamente para frente para cercar sua presa. Kergus e Ariane foram forçados para trás contra uma parede de vidro com vista para o lago. Eles estavam cercados.

‘Seus sonhos mostraram como sair desta?’ rosnou Kergus.

‘Não...’ admitiu Ariane, trêmula, ‘Eu vi você sozinho neste lugar, sendo arrastado pelos Vargr...’

‘Que resultado esplendidamente diferente,’ disse Kergus, sua voz amarga.

As chamas rugiram de repente, a onda de calor rachou todas as janelas intactas do solário. Os Vargr hesitaram com a dúvida em seu rosto animal quando eles perceberam que eles também estavam presos naquele inferno.

‘Malditos sejam!’ exclamou Kergus enquanto agarra Ariane pela cintura.

‘Vão todos vocês para o inferno!’ ele gritou enquanto saltava pela janela trincada atrás deles.

O peso combinado dos dois foi mais do que suficiente para passar através do vidro, embora os cacos perfurarem Kergus como uma dúzia de facas. O mundo lá fora girava loucamente entre a escuridão do lado e o acinzentado do céu uma, duas, três vezes. Acima deles a torre queimava como um tição incandescente, os uivos dos Vargr perdidos entre o rugido das chamas e o trovão das pedras caindo. Então a escuridão das águas do lago chegou e os engoliu.

Kergus acordou na borda do lago para encontrar Ariane arrancando os cacos de vidros de sua carne ressecada.

‘É tão bom quando você não pode se afogar,’ disse ela com um alívio evidente, ‘levou muito tempo para te trazer até a margem.’

Kergus agarrou seu pulso e tossiu fracamente. ‘você continua tentando me salvar, por quê? O que você quer de mim?’

‘Eu disse que você não está sozinho’, disse-lhe Ariane, ‘há outros Amaldiçoados, como você e como eu, que trabalham juntos para trazer um fim à maldição das Bruxas em Morden. Nós nós chamamos de a Ordem dos Penitentes, e você Kergus, seria bem vindo em nossas fileiras.’

